

Bem-viver: nova perspectiva para se relacionar com o tempo

Well-living: a new perspective to relate to time

Buen-Vivir: nueva perspectiva para relacionarse con el tiempo

MARCOS JOSÉ DE AQUINO PEREIRA¹

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, UFSCAR, SÃO CARLOS-SP, BRASIL

RESUMO

Este ensaio debate o tempo como algo que foi fetichizado pela Modernidade, assumindo um papel determinante na vida das pessoas, consequência da dicotomização entre tempo de trabalho e tempo de ócio, com a valorização do primeiro sobre o segundo, e a sua associação com a busca pela qualidade de vida em detrimento a se usufruir de uma vida de qualidade, diante do que apresentamos como possibilidade de superar essa realidade a perspectiva do Bem-Viver, que parte de outra relação com o tempo, a natureza e os/as outro/as, fruto das vivências e conhecimentos dos povos originários da América Latina. Para auxiliar nessas reflexões também trazemos uma interessante história do povo Munduruku que nos ajuda a pensar sobre o sentido que damos ao tempo em nossas vidas.

Palavras-chave: Bem-Viver. Tempo. Vida de Qualidade.

ABSTRACT

This essay debates time as something that was fetishized by modernity, assuming a determining role in people's lives, a consequence of the dichotomy between working time and leisure time, with the valuation of the first over the second, and its association with the search for the quality of life to the detriment of enjoying a quality life, in view of what we present as a possibility to overcome this reality the perspective of well-living, which starts from another relationship with time, nature and the others, the result of the experiences and knowledge of the original people from Latin America. To assist in these reflections we also bring an interesting history of the Munduruku people that helps us to think about the meaning we give to time in our lives.

Keywords: Well-Living. Time. Quality Life.

RESUMEN

Este ensayo debate el tiempo como algo fetichizado por la Modernidad, asumiendo un papel determinante en la vida de las personas, consecuencia de la dicotomía entre tiempo de trabajo y tiempo de ocio, con la valoración del primero sobre el segundo, y su asociación con la búsqueda por la calidad de vida en detrimento del disfrute de una vida de calidad, ante lo que presentamos como posibilidad de superar esta realidad la perspectiva del Buen-Vivir, que parte de otra relación con el tiempo, la naturaleza y el/la otro/a fruto de las vivencias y conocimientos de los pueblos originarios de América Latina. Para ayudar en estas reflexiones también traemos una interesante historia del pueblo Munduruku que nos ayuda a pensar en el significado que damos al tiempo en nuestras vidas.

Palabras clave: Buen-Vivir. Tiempo. Vida de Calidad.

¹ Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar. E-mail: marcosdiaquino@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2753-1656>.

INTRODUÇÃO

O tempo é um tema recorrente nas reflexões filosóficas ocidentais desde a Antiguidade, seja sobre a sua natureza, a sua fluidez, a sua linearidade, a sua utilização, ou a nossa relação com ele. Encontramos diversas reflexões e teorias nesse sentido, como a de Platão, sobre a sua mutabilidade como imagem imperfeita da eternidade, em “Timeu” (PLATÃO, 2011), a formulação aristotélica do *hó pote ón*², no livro IV de sua obra “Física” (ARISTÓTELES, 2007), as considerações de Santo Agostinho acerca da natureza do tempo, em “Confissões” (SANTO AGOSTINHO, 2004), o Eterno Retorno de Nietzsche, em “Gaia Ciência” (NIETZSCHE, 2012), o tempo como fundamento a priori de todas as intuições de Kant, em sua exposição da Estética Transcendental, na “Crítica da Razão Pura” (KANT, 2012), ou a presença como fator determinante do tempo, com a temporalização partindo originalmente do futuro, de Heidegger, em “Ser e Tempo” (HEIDEGGER, 2012), apenas para citar alguns exemplos.

Entretanto percebemos que essa epistemologia ocidental sobre o tempo ao se tornar dominante, sob uma lógica permeada pela Colonialidade-Modernidade (MIGNOLO, 2017), acaba por invisibilizar, subalternizar e mesmo suprimir, outras perspectivas e epistemologias, como as dos povos originários sul americanos, ao mesmo tempo em que, partindo dessa tradição filosófica ocidental, fetichiza o tempo, dando-lhe um *status* de entidade independente e determinante da vida humana, excluindo qualquer possibilidade alternativa de se entender o tempo e se relacionar com ele, acusando povos e pessoas que assim o fazem, de preguiçosos, de desperdiçarem o tempo, ou de não serem produtivos/as para a sociedade.

O Bem-Viver (MAMANI, 2012; ACOSTA, 2016a) enquanto perspectiva provinda dos povos originários, entende o tempo de forma diferenciada, e pensa uma outra relação consigo, com a Natureza e dos seres humanos entre si, apresentando-se como alternativa às relações fetichizadas com o tempo, de dicotomização com a Natureza e da exploração do ser humano, presentes na Modernidade.

Assim, refletimos neste ensaio sobre o Bem-Viver entendido como uma alternativa a nossa relação com o tempo, debatendo a fetichização do tempo, que a nosso ver, gera a divisão entre tempo de trabalho e tempo de ócio, partindo de Santo Agostinho (2004), Lafargue (2003) e More (1973), passando a vislumbrar novas possibilidades, em que se privilegie a vida de qualidade, conceito esse que também discutimos como opção ao de qualidade de vida, através de Olivetti e Gonçalves Junior (2012) e Brandão (2005), refletindo sobre o Bem-Viver, com Acosta (2016a e 2016b) e Mamani (2010), buscando inspiração no pensamento e modo de vida dos povos originários, com a apresentação de uma de suas histórias, “As serpentes que roubaram a noite”, de Munduruku (2001), as reflexões de Krenak (2019) e Kopenawa (KOPENAWA; ALBERT, 2015), e a poesia de Kambeba (2020).

Tendo sido este ensaio concebido e escrito durante a pandemia causada pela COVID-19, entendo que refletir sobre o tempo seja algo oportuno, já que muitas visões, relações e certezas que possuíamos sobre o tempo, foram colocadas em xeque, e fomos confrontados com diversas contradições, das quais já tínhamos conhecimento, mas não se faziam tão evidentes, ou antes, não dávamos tanta importância, e com isso torna-se mais urgente pensarmos sobre essas e outras questões, dadas as possibilidades de mudança para o futuro que o atual momento nos apresenta. No mínimo, de repensar como lidamos com o nosso tempo, se o usamos buscando a qualidade de vida ou

² “[...] aquello que alguna vez es o existe” ou “[...] el tiempo por estar siendo en un determinado momento, existe” (BARRIONUOVO, 2013, p. 61) em que uma das interpretações possíveis é a de que Aristóteles apresenta o tempo como elemento definidor da existência.

usufruindo a vida de qualidade, e quem está determinando o nosso viver, nós mesmos, ou o tempo fetichizado?

TEMPO FETICHIZADO, TEMPO DO ÓCIO E TEMPO DO TRABALHO

Sempre que me surpreendo refletindo sobre o tempo e como dele dispomos, ou como com ele nos relacionamos, sou remetido fortemente à perspectiva de Santo Agostinho sobre essa questão. O bispo de Hipona houve por entender o tempo como mera construção subjetiva humana, descrevendo essa visão no livro XI de sua obra *Confissões*, como resposta ao seu questionamento “*Quid est ergo tempus?*”³ em que contrapõe o tempo humano à eternidade:

Na eternidade nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente. Esse tal verá que o passado é impelido pelo futuro e que todo o futuro está precedido dum passado, e todo o passado e futuro são criados e dimanam d’Aquele que sempre é presente. Quem poderá prender o coração do homem, para que pare e veja como a eternidade imóvel determina o futuro e o passado, não sendo ela nem passado nem futuro? (SANTO AGOSTINHO, 2004, p. 320).

Diante disso o filósofo medieval apresenta a impossibilidade da existência do tempo fora da subjetividade, já que o passado não existe mais, o futuro ainda não existe e o presente torna-se pretérito a cada tentativa nossa de dizermos “agora” (como acabou de ocorrer quando digitei a última letra dessa palavra e ela já ficou no passado, que também não existe mais neste exato instante, que já passou também...).

Considero essa reflexão inicial muito importante, pois demarca os limites do tempo como percepção humana e, portanto, como algo dependente da sua vontade e não o inverso, como muitas vezes a fetichização que dele foi feita historicamente, nos faz crer. Essa fetichização do tempo, que ocorreu mais especificamente a partir da revolução industrial, com uma crescente dicotomização do tempo em partes opostas, com determinação do tempo de trabalho, associado à produção e ao lucro e do tempo de ócio, associado à improdutividade e à preguiça.

Utilizamos aqui o conceito de fetichização do tempo de forma análoga àquela definida por Karl Marx no primeiro capítulo de “*O Capital*” (MARX, 1989) em relação ao fetichismo da mercadoria, assumindo o produto humano, em ambos os casos, a condição de entidade independente, excessivamente valorizada, quase cultuada, e a atribuição de um poder determinante em relação às decisões e ações de seu criador, como se dele não prescindisse, invertendo o papel de subordinação.

Essa perspectiva do tempo fetichizado se mostra presente em nossa sociedade de diversas formas e está bastante imiscuída nas relações do uso do tempo de forma útil, o que em uma ótica capitalista, se traduz por usar o tempo para o ganho e acúmulo de dinheiro pelo trabalho, mesmo que isso seja apenas uma outra fetichização, agora a do próprio trabalho.

Paul Lafargue, genro de Marx, em seu manifesto “*O direito à preguiça*” (LAFARGUE, 2003), escrito no ano de 1880, como uma espécie de refutação às reivindicações pelo direito ao trabalho, encapadas pelas organizações de operários no

³ “*Quid est ergo tempus? Si nemo ex me quaerat, scio; si quaerenti explicare velim, nescio*” (SAINT AGUSTINE, 1992, p. 214) que se traduz por “O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei” (SANTO AGOSTINHO, 2004, p. 322).

século XIX, já vivendo os efeitos nefastos da Revolução Industrial na vida dos trabalhadores, reflete, de forma crítica e irreverente, sobre o que chamou de a loucura da classe operária do “[...] amor ao trabalho, paixão moribunda que absorve as forças vitais do indivíduo e de sua prole até o esgotamento” (LAFARGUE, 2003, p. 19). Ele relaciona essa servidão voluntária do proletário, à perversão causada pela crença no “Dogma do Trabalho” (LAFARGUE, 2003, p. 23) engendrado pela junção entre princípios religiosos do protestantismo e do utilitarismo capitalista, tese posteriormente assumida e desenvolvida por Max Weber em sua obra “A ética protestante e o espírito do capitalismo” (WEBER, 2004), que considera a utilização do máximo de horas de trabalho como determinante da honra e do bem individual e social, que acaba conduzindo, segundo Lafargue, à extenuação física e mental dos trabalhadores e ao consumo excessivo pela classe burguesa, levando ao colapso do sistema, devido à superprodução. Para o autor a solução seria a redução da jornada de trabalho para 3 horas diárias.

Interessante notar a possibilidade de relacionar esse texto à outra obra, escrita mais de 300 anos antes, que também vislumbrava uma redução da jornada de trabalho, a “Utopia” (MORE, 1973) de Thomas More:

Nesta ilha divide-se o dia e a noite em vinte e quatro horas exatas e destinam-se ao trabalho apenas seis horas: três antes do meio-dia, com intervalo para o jantar, duas de descanso, seguindo-se de mais três horas de trabalho e a ceia. Às oito da noite vão para a cama, dando oito horas ao sono (MORE, 1973, p. 71).

Entretanto, diferente da defesa da preguiça, feita por Lafargue, More define que esse tempo livre, seja usado por cada indivíduo com o que lhe aprouver, mas não “[...] com o fim de que se possam entregar à preguiça e ao esbanjamento, mas para que, libertos das suas ocupações, se ocupem e empreguem a sua atividade variadamente na arte ou na ciência que mais lhes agrade” (MORE, 1973, p. 71).

Entendo que Lafargue não critique o trabalho em si, mas a forma alienada e alienante do trabalho fetichizado. Entendo também que não defende a preguiça como tal, no sentido presente em sua origem latina *pigrítia*, que possivelmente⁴ deriva do grego *πάρεσις* (*pareisis*), significando estar parado por fraqueza ou paralisia, mas sim defendendo a existência e a valorização do tempo livre, visto não de forma fetichizada, mas apenas como meio para a fruição da vida, sob uma nova perspectiva, seja das relações de consumo, seja das relações humanas, perspectiva essa que pode ser relacionada ao termo latino *otium*, do ócio, que se acredita tenha se originado do termo latino arcaico *aveo*, significando estar bem, desejar o bem, viver bem, que podemos

⁴ Existem muitas hipóteses etimológicas acerca da origem latinas das palavras preguiça e ócio, com pesquisas que remontam aos idiomas indo-europeus, como por exemplo, a conduzida por Eduard Schwyzer (SCHWYZER, 1939). Aqui usamos as definições apresentadas pelo “Dicionário Latim-Português” da Edipro, 2016, disponível em https://books.google.com.br/books?id=IADQDwAAQBAJ&pg=PT89&lpg=PT89&dq=aveo+dicionario+latim&source=bl&ots=sqOujjNE3R&sig=ACfU3U1pnA7f7_pQ7sXZUv9cNVfB1wQ8GQ&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiGj7et3evoAhWOGewKHVZ3CB8Q6AEwA3oECAwQLA#v=onepage&q=aveo%20dicionario%20latim&f=false e pelo “An Etymological Dictionary of the Latin Language” do Reverendo F. E. J. Valpy, de 1828, disponível em https://books.googleusercontent.com/books/content?req=AKW5QadhI3xNnCX33BpSV2ogodXn0_A9Z_VTOwDV5ax3kvlOOICNXXkzE36PIId5VNCH_AiyR8j9u_iRHnkxetosr_3xsRXVAzfmCjcNGtZZqzyNaLvBFFXFLpow7lv-MpLQ2mP5zhtYm7AXUPY5Zjh17oQE6A8WTmWV3wDR6jpYL5VAhu0J1d1IcVEhYyPJHYda60Dyj3IglF3_13o56sb58Mkkz6VQYwLhN6dlUMmy_WBVC1tMYxMk6TxSGsUAOWHfK0Phy5BHmgWc4fZePada9aVFhPmvJXmcmLPq_P6H8mBHwk1bKi6WI.

ainda relacionar ao grego *σχολή* (*skholé*), entendido por Aristóteles como tempo utilizado na contemplação intelectual na busca pela beleza da verdade e do bem (MUNGUÍA; CUENCA, 2007), que me faz lembrar o *sumak kawsay*, do quéchua, traduzido por Bem-Viver, conceito presente, com variados nomes, entre diversos povos originários do continente americano.

A defesa da valorização do ócio feita por Lafargue prescreve uma nova utilização humana do tempo, desfeticizado, que permita o seu usufruto de forma a se estar bem, viver bem, e para tanto, torna-se necessária a reordenação desse tempo sob novas perspectivas.

A própria redução das horas de trabalho só seria uma possibilidade viável com essa mudança de perspectiva, que superasse as visões capitalistas e socialistas, presentes na Modernidade e ensinasse uma nova visão de mundo, novas relações sociais e com a natureza.

Aqui podemos pensar em diversas propostas para uma sociedade para além da Modernidade, como a da Transmodernidade de Dussel (DUSSEL, 2016), do Pensamento Pós-Abissal pautado em uma Ecologia dos Saberes, de Boaventura Santos (SANTOS, 2010) e do Bem-Viver, dos povos originários.

Temos visto a insustentabilidade da forma de vida humana desenvolvida na Modernidade. Agora de forma mais evidente com a pandemia causada pela Covid-19, em que tudo que era sólido parou no ar, inclusive o tempo feticizado, que deixou de ditar as ações humanas, com o isolamento social, necessário para amenizar a situação e não causar o colapso dos sistemas de saúde pelo mundo, mas insuficiente para solucionar o problema definitivamente, já que foram anos e anos de questionamento à pesquisa científica e à seguridade social pública e, neste momento, se colhe o que foi plantado ao longo de décadas do avanço do neoliberalismo.

É triste ainda presenciarmos debates e discursos que dicotomizam a preservação da vida e a preocupação com o desenvolvimento econômico, aqui também feticizado, já que nenhuma economia existe sem a vida humana, e a esta e à sua promoção deve servir unicamente.

Analisando uma atividade realizada na disciplina do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, “Ócio, Bem-Viver e Educação”, que solicitava que registrássemos o tempo utilizado para cada atividade durante uma semana, separando as de lazer e as de trabalho/estudo, reparei que estavam faltando horas na minha semana, com grande prevalência às atividades relacionadas ao trabalho/estudo em detrimento das atividades de lazer. Hoje, quase um mês em isolamento social, sem nem mesmo ter ido ao mercado nesse tempo, percebo como essa rotina ditada pelo tempo e pelo trabalho feticizados é prejudicial à minha vida de qualidade.

Talvez por algum sentimento causado a partir dessa privação de sair de casa, tenho dedicado meu tempo livre de confinamento a visitar lugares virtualmente e estudar sobre lugares que já visitei presencialmente no passado, como as cidades históricas mineiras, e isso me levou a ler sobre a arte barroca presente nas diversas igrejas que adentrei quando lá estive, e a descobrir que existem 3 fases do Barroco e até como identificar cada fase pelo estilo das colunas ou do dossel do retábulo. Coisas que nunca havia atentado e nem observado em minhas viagens, nas quais o tempo, feticizado, determinava a quantidade de igrejas visitadas como parâmetro de satisfação e não a sua apreciação e fruição como objetivos, como se o fazer constante fosse condição para se aproveitar bem o tempo, de forma que, mesmo uma redução para 3 horas diárias de trabalho, não afetaria meu desfrutar do tempo livre estendido, sem que houvesse antes uma mudança de perspectiva de minha parte.

Na música “Capitão de indústria” (VALLE; VALLE, 1996) da banda Paralamas do Sucesso, encontramos um trecho que resume bem essa realidade “Eu não tenho tempo de ter/ O tempo livre de ser/ De nada ter que fazer” (VALLE; VALLE, 1996) que nos remete tanto à falta de tempo causada pelas obrigações diárias, mas também nos faz pensar se o próprio tempo livre, mesmo que escasso, tem sido usado de forma a nos garantir o deleitar-se com aquilo que nos agrada e nos torna mais plenos de nosso ser, ou também tem sido fetichizado, no sentido de determinar uma necessidade de realizarmos o maior número de coisas para acreditarmos que aproveitamos bem esse tempo, mesmo que essas atividades acabem não nos levando a um verdadeiro deliciar-se, numa imersão naquilo que nos faz bem, mas apenas sendo ações que fazemos para não perder o tempo livre, o que exatamente causa o efeito oposto.

Acredito que, nestes tempos em que se precarizam as condições de trabalho, com a “uberização do trabalho”⁵, em nosso país e em tantos outros, desmontam-se os direitos trabalhistas e se procrastinam as idades para aposentadoria, reduzindo-se seus valores, com a sociedade assistindo, e muitas vezes apoiando tais medidas contra si mesma, essa realidade da pandemia e as suas consequências, trará mudanças profundas na visão de mundo presente na Modernidade.

Uma dessas mudanças poderá ser um olhar mais crítico acerca de nossa relação com o tempo, e sobre a sua utilização na busca pelas promessas ilusórias da “qualidade de vida” e talvez a possibilidade de que essas reflexões sobre o tempo permitam uma substituição desse conceito pela perspectiva da “vida de qualidade” (OLIVETTI; GONÇALVES JUNIOR, 2012; BRANDÃO, 2005).

TER TEMPO PARA BUSCAR A QUALIDADE DE VIDA OU USUFRUIR UMA VIDA DE QUALIDADE?

As reflexões sobre qualidade de vida têm se desenvolvido de forma direta ou indireta, muito antes desta epidemia atual assolar a humanidade, antes mesmo de seu conceito ser também definido, em 1995, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que diz ser qualidade de vida “[...] a percepção individual de sua posição na vida no contexto da cultura e dos sistemas de valores nos quais vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (WHOQOL, 1995, p. 41, tradução minha).

Um pesquisador brasileiro no campo das Motricidades Humanas, professor Luiz Gonçalves Junior, em artigo escrito com seu aluno, Jonas Casola Olivetti, intitulado “Qualidade de vida, vida de qualidade e educação física escolar” (OLIVETTI; GONÇALVES JUNIOR, 2012) problematiza não apenas o conceito, mas a própria perspectiva de qualidade de vida dele desprendida, tomando como base o texto do professor Carlos Rodrigues Brandão, que trata dessa questão em um capítulo de seu livro “A Canção das Sete Cores - Educando para a Paz” (BRANDÃO, 2005), intitulado “Qualidade de vida, vida de qualidade e qualidade da vida”.

A crítica feita por eles ao conceito qualidade de vida parte de dois pontos principais: a sua associação ao consumismo capitalista e à sua impossibilidade de ser desfrutado por grande parte da população (OLIVETTI; GONÇALVES JUNIOR, 2012;

⁵ Expressão que tem sido utilizada para se referir à precarização do emprego, com o avanço de trabalhadores informais e sem vínculos empregatícios com grandes empresas, e com mediação tecnológica. Também o *home office* é uma forma de trabalho ainda não regulamentada, que vem avançando o espaço e o tempo doméstico, e que tem sido impulsionada durante a crise da Covid-19 e poderá trazer consequências imensuráveis à organização futura do trabalho.

BRANDÃO, 2005). Brandão (2005) sugere trocarmos os verbos “Fazer”, “Ter” e “Conquistar” utilizados na perspectiva da qualidade de vida, por “Ser”, “Criar” e “Realizar” que engendrariam uma busca por uma vida de qualidade.

Ele apresenta alguns pontos para pensarmos sobre essa questão, que nos servem também para as reflexões sobre o momento atual, dentre os quais destaco e comento os seguintes:

- que a razão de ser da vida está nela mesma e não em mercadorias ou objetivos exteriores a ela, não podendo ser submetida, por exemplo, aos ditames do desenvolvimento econômico e da lógica da produtividade e do lucro;

- a qualidade de vida não pode ser entendida como uma conquista pessoal, devendo ser uma construção social que leve à vida de qualidade para todos/as, como atualmente tem se defendido o isolamento social horizontal e não apenas vertical, exatamente com o objetivo de cuidar da própria saúde, mas também daqueles/as mais suscetíveis às complicações da doença, idosos e pessoas com outras comorbidades. Deve-se pensar no bem geral, em que ficar em casa e atender às orientações dos órgãos médicos se torna uma ação de solidariedade, que poupará muitas vidas, especialmente das populações mais pobres, que tem menos acesso ao atendimento médico, uma falha que apenas está se explicitando, em uma sociedade que trata a medicina como negócio lucrativo e não como direito de todas as pessoas, direito esse garantido, junto a outros direitos sociais no Art. 6º, Cap. II, da Constituição da República Federativa do Brasil: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer [...]” (BRASIL, 1988).

- essa busca por direitos efetivos nos leva a uma constante luta pela democratização do poder e do conhecimento, através da educação, o que, numa realidade marcada por eleições, posicionamentos políticos e até informações sobre saúde, manipuladas por *fake news*, torna-se algo fundamental.

- uma nova perspectiva sobre a nossa relação com a natureza e entre nós mesmos que repense o respeito à vida humana e à vida do Universo, que nos faça refletir sobre a perspectiva defendida por diversos/as pesquisadores/as, de que o desmatamento de habitats de diversas espécies, com a conversão do uso da terra (FRUTOS et al., 2020) e a antropização de ambientes naturais, possam ser fatores de contato humano com seres patogênicos (AFELT; FRUTOS; DEVAUX, 2018), gerando surtos de diversas doenças infecciosas humanas e a emergência de novos patógenos (IPBES, 2018), como o novo tipo de coronavírus.

Também a falta de investimento em atendimento de saúde pública e em pesquisa, voltada à cura de doenças, incluindo as viróticas, e ao cuidado preventivo e de acompanhamento com as demais doenças crônicas da população, demonstraram a ineficiência e o despreparo de nossas sociedades para o enfrentamento dessa situação de pandemia.

Além disso, a demora, e a meu ver, a falta de vontade, em usar as reservas econômicas dos países para socorrer as pessoas mais pobres, demonstra um ponto crítico da falta de cuidado com as pessoas por parte dos governos, impactando de forma mais forte aqueles/as que já se encontravam à margem antes, os/as que estão “[...] a sul da quarentena” (SANTOS, 2020, s.p.), como diz Boaventura Santos, em sua obra “A cruel pedagogia do vírus” (SANTOS, 2020, s.p.), incluindo as mulheres, os/as trabalhadores/as informais, as populações de rua, os/as moradores das periferias, imigrantes e refugiados, deficientes, idosos, indígenas e tantos/as outros/as.

São questões para agora e para o futuro, que exigem profundas reflexões, sobre a nossa relação com o tempo, com a natureza e entre nós, exacerbadas pela pandemia, mas já explicitadas pelos impactos ambientais e sociais do atual modelo civilizatório,

que vem demonstrando a sua insustentabilidade na manutenção da vida no planeta Terra, como afirma Ailton Krenak, expressando a sua preocupação:

O que aprendi ao longo dessas décadas é que todos precisam despertar, porque, se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados de ruptura ou da extinção dos sentidos das nossas vidas, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda (KRENAK, 2019, p. 23).

Os momentos para despertar apresentam-se como propícios às mudanças, como é o caso do pós-pandemia, como afirma Boaventura Santos:

A pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum. Esta situação torna-se propícia a que se pense em alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nestes primeiros anos do século XXI (SANTOS, 2020, s.p.).

Ante essa realidade devemos buscar alternativas que se demonstrem historicamente sustentáveis. Dentre elas destacamos a do Bem-Viver.

O BEM-VIVER COMO UMA NOVA PERSPECTIVA DE RELAÇÃO COM O TEMPO

Abordo agora uma das possibilidades de mudança: voltar o nosso olhar para os povos originários do continente americano, que vivem neste mundo há milhares de anos, em uma relação muito mais harmoniosa que a nossa, entre si, com a natureza, e com o tempo sob a ótica do Bem-Viver (MAMANI, 2010; ACOSTA, 2016a).

Bem-Viver, que se constitui, segundo Mamani (2010, p. 11), “[...] en una forma de vivir reflejada en una práctica cotidiana de respeto, armonía y equilibrio con todo lo que existe, comprendiendo que en la vida todo está interconectado, es interdependiente y está interrelacionado”, conceito esse presente em diversas culturas dos povos originários do continente americano e fruto de suas cosmovisões (CONTRERAS BASPINEIRO, 2016), tendo recebido recentemente maior atenção pela sociedade não originária, devido a uma crescente conscientização ecológica e à busca por formas alternativas de relação com o meio ambiente, inclusive com o registro de suas formas espanholas, *buen vivir*, na Constituição Política do Estado do Equador, em 2008, e *vivir bien* na Constituição Política da Bolívia, em 2009, derivados dos termos *suma qamaña* (Aymara) e o *sumak kawsay* (Quéchuá), que seriam traduzidos com maior fidelidade ao seu significado original, segundo Mamani (2010), por Viver em Plenitude.

Acosta entende o Bem-Viver “[...] como uma oportunidade para construir coletivamente novas formas de vida” (ACOSTA, 2016b, p. 208) fundamentadas no bem comum e em uma relação não dicotômica com a natureza e com o tempo.

Krenak (2019) expressa a visão dos povos originários que percebem o ser humano, não como separado da natureza, mas em uma perspectiva de que tudo é natureza, inclusive a humanidade:

[...] fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (p. 10).

Para grande parte dos povos originários do continente americano o tempo é entendido de forma presentificada, onipresente, como contínuo, no qual se interligam as diversas vivências e acontecimentos (OVERING, 1995), sem separar tempo de trabalho, descanso, festa, como coisas excludentes entre si, e sem predefinições cronológicas de duração de cada atividade, em que o tempo dos antigos, o primeiro tempo, o tempo dos sonhos (KOPENAWA; ALBERT, 2015), e o tempo presente se colocam em coexistência em um regime atemporal (LÉVI-STRAUSS, 1989).

É interessante notar que muitos povos originários nem mesmo possuem uma palavra para o tempo, enquanto conceito em si, mas apenas se referem à temporalidade em relação aos eventos, como o nascer do sol, a estação das chuvas, a época de caça, sendo que alguns povos originários não demonstram preocupação em realizar contagem de tempo, como por exemplo, os Amondawa, que vivem na Terra Indígena Uru-eu-uau-uau, no estado de Rondônia, na Amazônia brasileira e utilizam a língua do grupo Tupi-Kawahib, do tronco Tupi, que não possuem palavras para semanas, dias, ou anos e não contabilizam as idades de seus membros (SAMPAIO et al., 2016).

Davi Kopenawa apresenta-nos a sua visão sobre como os não indígenas utilizam seu tempo:

A vida dos brancos que se agitam assim o dia todo como formigas xiri na parece triste. Eles estão sempre impacientes e temerosos de não chegar a tempo a seus empregos ou de serem despedidos. Quase não dormem e correm sonolentos durante o dia todo. Só falam de trabalho e do dinheiro que lhes falta. Vivem sem alegria e envelhecem depressa, sempre atarefados, com o pensamento vazio e sempre desejando adquirir novas mercadorias. Então, quando seus cabelos ficam brancos, eles se vão e o trabalho, que não morre nunca, sobrevive sempre a todos. Depois, seus filhos e netos continuam fazendo a mesma coisa (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 436).

E nos faz um alerta, demonstrando o seu sentimento em relação ao futuro de quem ele chama “povo da mercadoria”:

Nós, contudo, temos pena dos brancos. Suas cidades são muito grandes e eles vivem desejando um monte de objetos bonitos, mas, quando ficam velhos ou enfraquecidos pela doença, de repente têm de abandonar todos eles, que logo se apagam de suas mentes. Só lhes resta então morrer sós e vazios. Mas eles nunca querem pensar nisso, como se não fossem deixar de existir eles também! Se pensassem, talvez não fossem tão ávidos das coisas de nossa terra e tão hostis para conosco (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 438).

Com o propósito de aprendermos com os povos originários o seu conhecimento sobre a vida no mundo, em consonância com as suas perspectivas relacionadas ao Bem-Viver, apresento uma história do povo Munduruku, que é título do livro “As serpentes que roubaram a noite e outros mitos” (MUNDURUKU, 2001) do escritor indígena Daniel Munduruku. Essa história é recorrente entre diversos povos originários brasileiros, como por exemplo, os Tukano, os Waimiri Atroari, os Karajá, os Kaiapó, com pequenas variações, o que demonstra algumas afinidades em suas visões de mundo, especialmente no sentido e no conhecimento que buscam transmitir.

Vamos à história: nos tempos antigos só havia o dia, e o sol brilhava o tempo todo no céu. Seres humanos e animais sofriam sem conseguir descansar e nem dormir, devido à claridade e ao calor. Certo dia, um valente guerreiro percebeu que as serpentes estavam sempre bem descansadas e felizes e resolveu segui-las à sua toca. Lá encontrou a escuridão que havia sido roubada por elas, era a própria noite, escondida dentro do buraco! O guerreiro então pediu à líder das serpentes que lhe desse a noite para que seu

povo pudesse descansar e aproveitar momentos mais amenos, sem o sol escaldante e a luminosidade constante. A serpente lhe pede um presente em troca de tão grande dádiva. A primeira coisa que vem à mente do guerreiro é oferecer-lhe o seu arco e suas flechas, presente que a serpente rejeita por não possuir mãos para utilizá-los. O bravo guerreiro volta então ao seu povo e lhes pede ajuda para presentear a cobra. Engenhosamente lhe fazem um chocalho, que a cobra aceita com a condição que lhe seja amarrado na cauda. Em troca ela oferece uma pequena noite em um também pequeno saco. O guerreiro volta à aldeia e todo o povo se deleita com a pequena noite, descansando, dormindo e se alegrando com a escuridão e com o frescor, mas acham muito curta a sua duração. Pedem que o guerreiro volte e consiga uma noite longa e que alterne com o dia. Para oferecer tal benesse à serpente pede um presente mais significativo, quer o veneno que o povo do guerreiro usa na ponta de suas flechas, garantindo que dará uma pequena dose às suas companheiras, apenas para que possam se defender. Cumprido o trato, a serpente entrega ao guerreiro um grande saco, que só deve ser aberto quando este chegar à aldeia, na presença de toda gente, caso contrário ela não conseguirá distribuir igualmente o veneno às irmãs e coisas terríveis poderão acontecer. No caminho, tanto pela curiosidade, quanto pela interferência de animais, que também queriam a noite longa, o saco acaba sendo aberto pelo guerreiro, sozinho. A noite chegou abruptamente, todos se assustaram e algumas serpentes acabaram por beber muito veneno e outras, nenhum, e daquele dia em diante passaram a causar grande temor aos seres humanos matando alguns com suas picadas venenosas. Mesmo assim o povo mundukuru ficou muito feliz com a noite longa que agora vinha após o dia e lhes permitia o descanso (MUNDUKURU, 2001).

CONSIDERAÇÕES

Acredito que essa história conclui bem esta nossa reflexão. É muito rica em sentido e permitiria uma grande análise de seus significados. Queremos destacar apenas três que podemos relacionar mais diretamente as nossas reflexões sobre o tempo fetichizado e sobre outras visões que possam superá-lo: 1- Havia um mundo apenas com o dia, em que as pessoas se cansavam, onde pescavam, caçavam, plantavam, faziam armas e instrumentos. Um mundo sem descanso. 2- Descontentes com essa realidade, passam a buscar alternativas para transformá-lo, indo buscar na natureza, representada pela serpente, a solução, através de uma relação de troca e não de dominação ou exploração; 3- A solução, a noite longa, deve ser para todos/as, já que tanto a abertura do saco grande deve ocorrer junto à comunidade, quanto o veneno deve ser dividido igualmente para todas as serpentes. Quando isso não ocorre, com o guerreiro abrindo o saco da noite sozinho e as serpentes tomando o veneno de forma desigual, o mal se manifesta.

Repare-se que aqui podemos relacionar o veneno ao uso do tempo fetichizado, já que as serpente não necessitavam dele em sua noite longa, em seu descanso, mas os seres humanos sim, em seu dia eterno de trabalho. Estes, ao abrirem mão de parte do veneno, ganham em troca a noite e o descanso, mas as serpentes, ao abrirem mão de parte da noite longa, recebem o veneno, tempo fetichizado, que logo as domina e passa a comandar suas ações.

Um último detalhe, que não poderíamos deixar de mencionar, é que o povo da história passa de uma situação sem tempo de descanso, conquista uma pequena noite, não se contentando com seu pouco tempo, e busca um tempo maior de descanso, uma noite grande, que se iguale ao tempo do dia e com ele alterne. Está aqui a lição que

podemos aprender com os povos originários, de sairmos de uma situação de tempo fetichizado, no qual não conseguimos nem mesmo aproveitar o tempo livre, também fetichizado, passando a uma situação intermediária de valorização do tempo livre desfetichizado, até atingirmos uma situação ideal em que, partindo de uma mudança de visão e de forma de viver, possamos desfetichizar o próprio tempo, ampliar o tempo livre e assim vivenciarmos o Bem-Viver, que nos torne mais plenos de nosso ser para o deleite de uma vida de qualidade, em fraternidade com os/as outros/as e em harmonia com a natureza.

Para encerrar este ensaio trago um trecho de um poema da escritora indígena Márcia Kambeba, que fala de um tempo de vida de qualidade, de Bem-Viver. Que este se torne o nosso tempo! Menos veneno e mais noites longas!

E houve um tempo
 Onde dançavam as borboletas,
 Na grama verde pousavam para descansar
 E ouvir o canto do vento ecoar.
 Houve um tempo em que o sol
 Brilhava mais forte,
 Clareando o caminho com paz e bem,
 Amadurecia o fruto,
 Não prejudicava ninguém.
 Houve um tempo
 Em que a terra no seu esplendor,
 Alimentava o mundo com alegria e amor,
 Dela brotava a planta, tinha respeito e valor.
 Houve um tempo
 Em que a lua virava Naiá,
 E o sol se escondia para essa dama brilhar,
 Na noite escura ela chamava as encantarias,
 Protetores da mata, rio e mar (KAMBEBA, 2020, p. 27).

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, 2016a.
- ACOSTA, A. O buen vivir: uma oportunidade de imaginar outro mundo. *In*: SOUSA, C. M. (org.). **Um convite à utopia**. Campina Grande: EDUEPB, 2016b, p. 203-233.
- AFELT, A.; FRUTOS, R.; DEVAUX, C. Bats, coronaviruses, and deforestation: toward the emergence of novel infectious diseases. **Frontiers in Microbiology**, v. 9, n. 702, p. 1-5, apr. 2018.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**: Livro IV (Gamma) e Livro VI (Epsilon). Campinas: UNICAMP/IFCH, 2007.
- BARRIONUEVO, S. J. Nota sobre la fórmula hó pote ón en Aristóteles (Physica IV.14, 223a27). **El Arco y la Lira**: Tensiones y Debates Filosóficos, Buenos Aires, v. 1, p. 59-67, 2013.
- BRANDÃO, C. R. Qualidade de vida, vida de qualidade e qualidade da vida. *In*: BRANDÃO, C. R. **A canção das sete cores**: educando para a paz. São Paulo: Contexto, 2005. p. 27-72.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- CONTRERAS BASPINEIRO, A. Aruskipasipxñanakasakipunirakispaw. *In*: SIERRA CABALLERO, F.; MALDONADO, C. E. (eds.). **Comunicación, decolonialidad y buen vivir**. Quito: CIESPAL, 2016. p. 59-94.

DUSSEL, E. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 51-73, abr. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100051&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 set. 2020.

FRUTOS, R.; LOPEZ ROIG, M.; SERRA-COBO, J.; DEVAUX, C. A. COVID-19: The Conjunction of Events Leading to the Coronavirus Pandemic and Lessons to Learn for Future Threats. **Frontiers in Medicine**, v. 7, n. 223, p. 1-5, may 2020.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Campinas/Petrópolis: Editora da Unicamp/Vozes, 2012.

IPBES. Summary for policymakers of the regional assessment report on biodiversity and ecosystem services for the Americas of the Intergovernmental Science-Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services. **IPBES secretariat**, Bonn, Germany, 2018.

KAMBEBA, M. W. **O lugar do saber**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Tradução e notas de Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Vozes, 2012.

KOPENAWA; D; ALBERT, B. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomani**. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. São Paulo: Editora Claridade, 2003.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Papyrus, 1989.

MAMANI, F. **Buen vivir/vivir bien**. Filosofia, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas. Lima: CAOÍ, 2010.

MARX, K. **O capital**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da Modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, p. e329402, 2017.

MORE, T. **Utopia**. Lisboa: Europa-América, 1973.

MUNDURUKU, D. **As serpentes que roubaram a noite: e outros mitos**. São Paulo: Peirópolis, 2001.

MUNGUÍA, S. S.; CUENCA, M. C. **El ocio en la Grecia clásica**. Bilbao: Universidad de Deusto, 2007.

NIETZSCHE, F. W. **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

OLIVETTI, J. C.; GONÇALVES JUNIOR, L. Qualidade de vida, vida de qualidade e educação física escolar. In: COLÓQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA, 5., São Carlos. **Anais [...]**. São Carlos: UFSCar, 2012. p. 536-553.

OVERING, J. O mito como história: um problema de tempo, realidade e outras questões. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 107-140, 1995.

PLATÃO. **Timeu-Critias**. Tradução do grego, introdução e notas de Rodolfo Lopes. Coimbra: CECH, 2011.

SAINT AGUSTINE. **Confessiones**. Project Gutenberg, 2010. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/33849/33849-h/33849-h.htm>. Acesso em: 10 jun. 2020.

Marcos José de Aquino Pereira

SAMPAIO, W. B. A.; SINHA, C.; SINHA, V. S.; ZINKEN, J. A construção social e linguística das relações de intervalos de tempo e eventos temporais em uma cultura amazônica. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 47-61, jul. 2016.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, B. S.; MENESES M. P. (org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

SCHWYZER, E. **Griechische Grammatik**. München: Beck, 1939.

VALLE, P.C.; VALLE, M. Capitão de Indústria. *In*: PARALAMAS DO SUCESSO. **Nove Luas**. São Paulo: EMI, 1996. (1 disco sonoro. Lado A, faixa 5).

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WHOQOL Group. The World Health Organization Quality of Life Assessment (WHOQOL): position paper from the World Health Organization, *In*: ORLEY, J.; KUYKEN, W. (eds.). **Quality of life assessment: international perspectives**. Heidelberg: Springer Verlag, 1995. p. 41-60.

Recebido em: 30 nov. 2020.

Aprovado em: 20 abr. 2021.